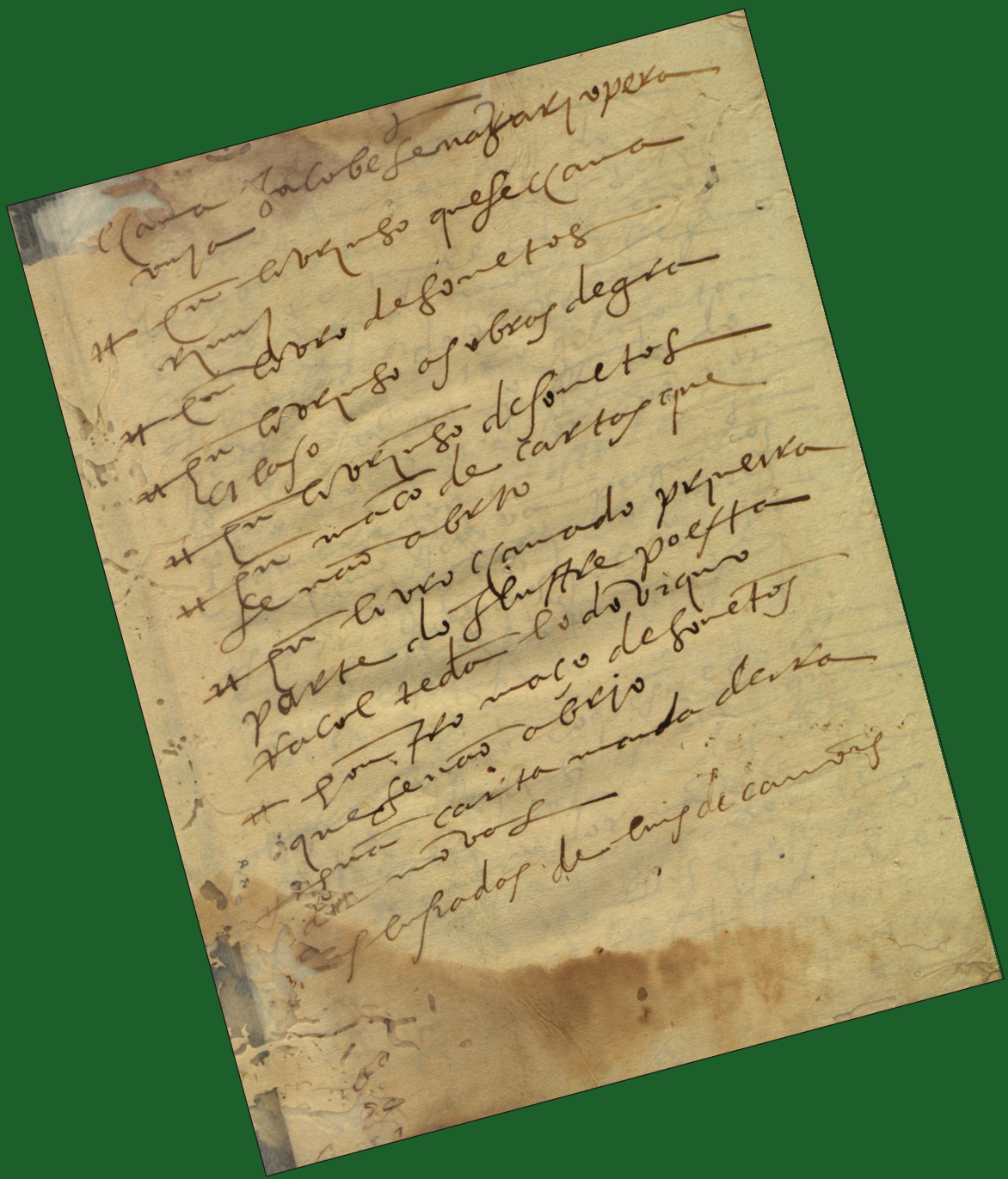
FRAGMENTA HISTORICA 12
Revista do Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa



FICHA TÉCNICA

Título

Fragmenta Historica – História, Paleografia e Diplomática – N.º 12 (2024)

ISSN

1647-6344

Editor

Centro de Estudos Históricos

Director

João José Alves Dias

Conselho Editorial

João Costa: Licenciado em História pela FCSH/NOVA. Mestre em História Medieval pela FCSH/NOVA. Doutor em História Medieval na FCSH/NOVA

José Jorge Gonçalves: Licenciado em História pela FCSH-NOVA. Mestre em História Moderna pela FCSH/NOVA. Doutor em História Moderna pela FCSH/NOVA

Pedro Pinto: Licenciado em História pela FCSH/NOVA

Conselho Científico

Fernando Augusto de Figueiredo (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Gerhard Sailler (Diplomatische Akademie Wien)

Helga Maria Jüsten (CEH-NOVA)

Helmut Siepmann (U. Köln)

Iria Vicente Gonçalves (CEH-NOVA; IEM – FCSH/NOVA)

João Costa (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA)

João José Alves Dias (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

João Paulo Oliveira e Costa (CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Jorge Pereira de Sampaio (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

José Jorge Gonçalves (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Julián Martín Abad (Biblioteca Nacional de España)

Maria Ângela Godinho Vieira Rocha Beirante (CEH-NOVA)

Maria de Fátima Mendes Vieira Botão Salvador (CEH-NOVA; IEM – FCSH/NOVA)

Design Gráfico

Ana Paula Silva

Índices

Pedro Pinto

Imagem de capa

TT, Inquisição de Lisboa, Proc. 8191, imagem 39

FRAGMENTA HISTORICA 12
REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

SUMÁRIO

Editorial, p. 9
João José Alves Dias

Imagem da capa: "Sesudo ou mentecapto": Álvaro Fragoso, cantor, tangedor, quiçá poeta e um leitor precoce d'*Os Lusíadas* no Monforte tardo-quinhentista, p. 11
Pedro Pinto

ESTUDOS

Portugal e França: novos ecos documentais de uma relação relevante no estudo da Europa Moderna (1560-1608), p. 17
Nuno Vila-Santa

MONUMENTA HISTORICA

Rui Pedro Neves, João Pedro Inácio Costa, Luís Miguel Rêpas, Miguel Augusto Luís, Mário Farelo, António Castro Henriques, Catarina Rosa, Fábio da Conceição Almeida Gonçalves, Thiago Henrique Alvarado, Joana Lages Gonçalves, Daniela Fernandes dos Santos, Fábio Duarte, Kate Lowe e Nuno Vila-Santa, Carlos Silva Moura, Hugo Marim Silva Paixão, Miguel Rodrigues Lourenço, Alexandre Nascimento, Joana Gomes Soares, Clara Braz dos Santos, Luís Seabra Lopes, Diogo Moreno
A ordem dos documentos desta secção encontra-se nas páginas seguintes (4 a 8)

ÍNDICE

Índice antroponímico e toponímico deste número, p. 289

LISBOA
2024

MONUMENTA HISTORICA – Ordenação da documentação

Trutesindo doa ao Mosteiro de São Pedro e Pedroso uma *hereditate* situada na *villa* de Paradela [c. 1172-1174?], p. 43

Registo de diversos imóveis situados em Guimarães que pertenciam ao Mosteiro de Pedroso [post. 1172], p. 45

Pedro Neto realiza uma permuta com Dona Goldregodu (1173), p. 47

Pedro Gonçalves e sua esposa vendem uma herdade a Gonçalo Pais, abade do Mosteiro de Pedroso (1173), p. 49

Pedro Viegas e o seu irmão vendem e Pedro Gonçalves um *hereditate* situada na *villa* de Espargo (1174), p. 51

Mendo Davides realiza uma doação *post mortem* ao Mosteiro de São Pedro de Pedroso (1175), p. 53

Marina Peres vende a Gonçalo Pais, abade do Mosteiro de Pedroso uma *hereditate situada em* Vila Cova (1175), p. 55

Os filhos de Gonçalo Infanção vendem a Pedro Gonçalves uma *hereditate* situada em Fiães e Gualtar (1176), p. 57

Pedro Gonçalves vende a Gonçalo Pais e Pedro Pais uma *hereditate* situada em Espargo de Baixo (1177), p. 59

Soeiro Godesteis renuncia em favor do Mosteiro de São João de Pendorada a todas as reivindicações anteriormente disputadas (1178), p. 61

Maria Pais vende a Pedro Gonçalves uma *hereditate* situada na *villa* de Gualtar (1180), p. 63

Mendo Mendes e a sua esposa doam à igreja de Santa Maria e ao Mosteiro de Pedroso uma *hereditate* situada na *villa* de Seixezelo, p. 65

Pedro Capelu e sua esposa fazem um acordo com D. Martinho, bispo do Porto e o cabido da mesma diocese (1187), p. 67

Madreona reealiza uma permuta com Pedro Martins, abade do Mosteiro de Pedroso (1188), p. 69

Pedreiro Salvador vende um casal situado em Paradela (1190), p. 71

Afonso Rodrigues vende a Henrique Fernandes uma *hereditate* situada em *villa Saa* (1193), p. 73

Gonçalo, abade do Mosteiro de Pedroso, concede a Pedro Miguel e sua esposa o usufruto de uma *hereditate* em *Veer* (1193), p. 75

O abade Pedro do Mosteiro de Pedroso estabelece um pacto com Afonso Dias e João Dias (1195), p. 77

O abade Pedro e o Mosteiro de Pedroso resolvem disputa com Álvaro João sobre a *hereditate* de *Louri,* que retornará ao mosteiro após a morte deste e sua esposa (1195), p. 79

O abade Melendo, de São João de Pendorada, vende ao Mosteiro de Pedroso um casal em Mexedo (1195), p. 81

Pedro Viegas e sua família vendem a Loba Godinis uma *hereditate* na *villa* de Lavandeira (1195), p. 83

Gonçalo Pires vende ao Mosteiro de Pedroso uma *hereditate* situada na *villa* de Gondinhães (1196), p. 85

Mendo Pais, Pedro Anes e Ausenda Peres vendem ao Mosteiro de São Pedro de Pedroso um terço de uma propriedade em Afonsim (1196), p. 87

Soeiro Peres, Mendo Peres e Maria Peres vendem ao abade Pedro e ao Mosteiro Pedroso uma *hereditate* na *villa* de Vila Cova (1197), p. 89

Martim Dias e Rodrigo Dias vendem a seu tio, Pedro Pais de Valadares, uma *hereditate* nas *villae* de Valadares e Moure (1197), p. 91

Registo de diversos imóveis que pertenciam ao Mosteiro de Pedroso (1197-1226), p. 93

O abade Pedro de Pedroso concede dois casais a Mendo Dias como prestimónio com uma renda anual, mas sem direito hereditário, estipulando sua devolução ao mosteiro após a morte de Mendo (1198), p. 95

Gonçalo Pires, conhecido como Brandão, vende ao abade de São Pedro de Pedroso uma *hereditate* em Sanguinhedo por dezasseis morabitinos (1198), p. 97

Soeiro Pais e sua esposa, Maria Gonçalves, vendem ao abade Pedro do Mosteiro de Pedroso uma *hereditate* na *villa* de Figueiredo (1198), p. 99

Urraca Viegas doa ao Mosteiro de São Pedro de Pedroso um casal situado na *villa* de Pindelo (1199), p. 101

O abade Pedro do Mosteiro de Pedroso concede a Estêvão Gonçalves um casal na *villa* de *Palácio de Zaganes* (1199), p. 103

Pedro Dias e sua esposa doam dois casais situados em Vilar Seco ao Mosteiro de São Pedro de Pedroso (1200), p. 105

Venda de uma herdade em Albarrol, termo de Miranda (1240), p. 107

Carta de venda de uma herdade em Chão de Couce por 27 libras (1273), p. 109

Carta de arrendamento de uma vinha, uma adega e duas casas em Penela e seu termo (1273), p. 111

Contrato de carpintaria do paço de Almoster (1305), p. 113

Carta de proteção de D. Dinis ao Mosteiro de Almoster (1310), p. 115

Traslado em pública-forma de uma carta da rainha D. Isabel de 1313 que manda que os viajantes entre a Beira e Abrantes ou Punhete abandonem a estrada costumada e passem por dentro da aldeia do Sardoal (1315), p. 117

Testamento de Lourenço Nogueira (1318), p. 119

Último testamento de Lourenço Peres (I), Uchão do infante D. Afonso (1321), p. 123

Testamento de Lourenço Peres (II), tesoureiro do rei (A. 1325), p. 127

Codicilo ao testamento de Lourenço Peres (II), tesoureiro do rei (1325), p. 131

Testamento de Lourenço Peres [II] (A. 1326), p. 133

Testamento de Constança Eanes Palhavã (1327), p. 137

Testamento de D. Francisco Domingues, cónego de Lisboa e prior da Alcáçova de Santarém (1328), p. 141

Instrumento de que consta a tomada do conto dos herdeiros dos feitores do Lamegal (1359), p. 149

Testamento de Mestre João das Leis (1383), p. 153

Certidão passada pelos contos do pagamento de metade da décima devida pelo cabido de Coimbra que fora feito por Antão Martins, prior de Penacova (1420), p. 161

Acordo entre o concelho do Sardoal e Vicente Bastino para que se faça uma estalagem naquele lugar (1422), p. 163

Emprazamento de casas do Mosteiro de São Vicente de Fora junto com o adro da igreja de Santa Justa a Beatriz Nunes de Beja, servidora que foi do Mestre de Santiago (1422), p. 165

Carta de profissão de Antão Rodrigues, cónego de Santa Cruz de Coimbra, no Mosteiro de São Vicente de Fora (1423), p. 169

Confirmação da eleição de D. Lourenço Eanes como prior-mor do Mosteiro de São Vicente de Fora pelo lugar-tenente de D. Pedro, arcebispo de Lisboa (1424), p. 173

Traslado em pública forma de uma carta de D. Fernando I relativa à jurisdição cível e crime de Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Azurara e Pindelo (1480), p. 175

Traslado de sentença relativamente à disputa da jurisdição sobre Cantanhede e a terra de Melres entre D. Telo de Meneses e D. Pedro de Meneses (1481), p. 177

Carta que o prior do Prado de Castela escreveu a El-Rei D. João sobre uma baixela de prata que lhe mandou (1483), p. 183

Carta de D. Manuel I de Portugal a Fernando II, o Católico, a pedir que deem saca aos lavradores portugueses que foram lavrar pão a Castela (1510), p. 187

Conta do que se deu ao rei D. Manuel I do que rendiam as alfândegas dos portos de Trás-os-Montes em 1515-1517 (1518), p. 189

Carta de D. Agostinho de Ribeiro, bispo de Lamego, a D. João III sobre o envio do traslado de um breve e o estado da Inquisição de Lamego (1543), p. 191

A brief story of ye kings of Portugal (Breve história dos reis de Portugal) [1569-1573], p. 195

Regimento do rei D. Sebastião para se realizar a venda do direito real dos "10 reais de Ceuta" aos povos das comarcas de Entre Douro e Minho e de Trás-os-Montes (1572), p. 203

Carta de D. Sebastião para o Papa Gregório XIII (1574), p. 215

Carta de perdão dada a Simão de Camões, morador em Évora (1592), p. 217

Relação anual de eventos na Ásia (1606), p. 219

Breve relação de várias novas do Estado da Índia e de Vijayanagar do ano de 1616 (1616), p. 225

Notícia sobre as catástrofes naturais ocorridas na província do Norte (1619), p. 233

Piratas na costa de Loulé (1620), p. 235

Relação da receita do Reino de Portugal e do Império por Fernando Loureiro (1621), p. 237

Relatório da Junta criada para tratar do benefício das terras sobre a agricultura em Portugal (1624), p. 245

Lembrança das cartas dos prelados da Junta de Tomar para o monarca (1629), p. 2531

Informação de Pero de Almeida Cabral ao rei D. Filipe III sobre o reino de Monomotapa e rios de Cuama (1630), p. 253

Carta de Manuel da Cunha e Teive ao rei D. Filipe III sobre a fortaleza da Mina e de Axem (1632), p. 259

Carta do Bispo de Meliapor a Frei Pedro de São José, provincial da Ordem de Santo Agostinho (1697), p. 263

Oração fúnebre nas exéquias do ilustríssimo e excelentíssimo senhor conde de Bobadela (1763), p. 267

Ata de reunião da vereação da cidade de Aveiro (19.1.1763), p. 273

Ata de reunião da vereação da cidade de Aveiro (29.1.1763), p. 275

Declaração do escrivão do senado da câmara de Vouga sobre os rendimentos da barca de passagem dessa vila nos anos de 1762 a 1776 (1781), p. 277

Aviso régio mandando realizar obras na ponte de Vouga (1791), p. 281

Carta em que a vereação de Vouga informa o Duque de Lafões sobre uma nova arrematação da barca de passagem dessa vila (1791), p. 283

D. João manda regressar ao Pinhal de Leiria todas as pessoas que se refugiaram na capital por motivo das invasões francesas (1811), p. 285

Disposições para o novo Regulamento das Matas Nacionais (1824), p. 287

RELAÇÃO ANUAL DE EVENTOS NA ÁSIA (1606)

Transcrição de Hugo Marim Silva Paixão
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

Resumo

Goa, 1606, novembro, 6

Relação de eventos na Ásia do ano de 1606, redigida por Gaspar Fernandes, membro da Companhia de Jesus.

Abstract

6 November 1606, Goa

List of events occurred in Asia in 1606, written by Gaspar Fernandes, member of the Society of Jesus.

Roma, ARSI, Goa, 33, f. 162-164.

© *Fragmenta Historica* 12 (2024), (219-224). Reservados todos os direitos. ISSN 1647-6344

[1]DOCUMENTO

[sinal da cruz]

Das duas naos que o Dezembro passado de 605. partirão desta barra foy hũa dar em hũ baixo da Ilha de São Lourenço donde perdido o leme, E algũas fazendas que alijou ao mar, arribou a Moçambique, E porque daqui parte agora hum galeoto em que se lhe mandão algũas cousas necessarias pera continuar sua viagem, E leuando a Nosso senhor a saluamento por sua via ordinaria, chegará muito mais cedo a Portugal que as que de cá partirem, pareceo conueniente dar nella a Vossa Paternidade hũa breue E geral noticia do Estado, E as deste Oriente, ficando a plena, E perfeita pera as uias que irão nas naos que se aparelhão, E começando polas do Estado, Não se pode dizer quão grande he a consolação de todo elle ao presente porque ate – 2. de Setembro não era chegada nao nhũa do Reyno a Moçambique, nem ate gora chegou algũa, ou noua della a esta barra de Goa sendo assy que em nenhum anno forão tão desejadas, E necessarias como este.

A causa he porque o Viso rey Dom Martim Afonso de Castro dexando o gouerno destas partes ao Arcebispo Primas a 3. de mayo deste anno de 606. se fez a vela desta barra pera o Arcipelago de Malaca com 17. galeões, e hũa carauella, afora duas naos da viagem da China, tendo mandado diante alguns dias antes quatro gales, E 21. galeotas que em çerta paragem do Arcipelago o esperassem. Leuou em toda esta armada tres mil cento, E vint oito soldados com que ficou isto por cá pouco prouido de soldadesca que he o total freo dos muitos imigos entre que viuemos, E assy todo este Inuerno esteue todo o Norte bem inquieto, mas acodio por nos Deos Nosso senhor; E quebrantou a soberba E ouzadia dos Mouros com a morte de huns trezentos, E corenta que determinarão sem serem sentidos escalar hũa nossa fortaleza, mas forão no, E ficarão todos no campo sem sangue nenhum dos Portuguezes.

Do successo do Viso rey ainda não temos noua, só sabemos que hum dos galeões arribou a Manar, mas com pouca occasião, E que hũa das naos da China por ser muito Velha fez no caminho tanta agoa que lhe foy necessario recolher se a algum porto o que quis fazer em Tutucurim Ilha em que está o nosso Collegio da Costa da Pescaria, mas por não saber a costa encalhou em hũa pedra em que se desfez saluando se a gente toda, E tirando do fundo passante de 29. caixões de prata em que hião pera a China passante de duzentos mil cruzados polla muita diligencia, E bom auiamento com que os nossos Padres E Christãos lhe acodirão, o intento primeiro do Viso rey era ir dar no Achem que segundo estaua fraco. todos os que delle sabião tinhão por certo que pouco custaria toma lo com tão boa armada. E fazer em seu porto fortaleza; E com ella impedir a guarda que ally tem os Olandezes. Depois ir socorrer a Amboyno, E a Maluco que já ambos estão de todo em poder dos Olandezes. porque como na do anno passado se disse entregou se lhe a partido a nossa fortaleza de Amboyno, E ainda que elles por alguns dias cumprirão o que prometerão, E deixarão uiuer como dantes os Portuguezes, E continuar nossos Padres com seus solitos ministerios, forçarão em fim a todos a se meterem numa pequena embarcação, E irem buscar ventura, a qual per varios casos os leuou as Manilhas onde tambem forão parar os Olandezes, E El rey de Ternate; E defenderão se tambem os Portugueses que iá quasi os imigos estauão desesperados de os poderem entrar, mas acertou de toma fogo a nossa poluara que com parte dos muros leuou polos ares os principaes defensores, E assy forão forçados os que escaparão recolher se pera a terra dentro, E em fim acertar hũa embarcação dos Olandezes em que tambem forão parar nas Manilhas, E todos ficauão pera vir numa boa armada com que o Gouernador por ordem de Sua Magestade vinha socorrer aquellas Ilhas, já pera [2] a partida das naos, querendo Deos teremos as boas nouas que de tudo esperamos. –

A outra nao que era a Capitayna hia o Padre francisco vieyra Procurador eleito na Congregação passada. foi muito o sentimento que a todos causou a arribada do Padre que a 16. deste Setembro per esta barra entrou quando nos cuidauamos que estaria tratando com Vossa Paternidade as necessidades E negoceos desta Prouincia mas ainda temos muito que agradeçer a Deos nosso senhor a merce grande que nos fez em no lo liurar do estranho perigo em que estiuerão elle, E todos os mais que hião naquella

[1] Os critérios de transcrição adotados são os da Universidade Nova de Lisboa, sugeridos em João José Alves Dias et al., *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987.

[2] Caracter riscado.

nao, á qual co*m* prospero vento chegou a uer as Ilhas do Comoro, E parecendo ao Piloto q*ue* era terra firme da costa de Moçambique fez sua derrota pera ir costeando a Ilha de S*ão* Lourenço, E cuidando que tomaua o canal entre a Ilha, E os baixos da Jndia, E terra firme hũa noite co*m* vento fresco, E todas as vellas foy varar em a Ilha de S*ão* Lourenço, E quis Deos q*ue* foi nu*m*a enseada de vaza em q*ue* se enuazou a nao mais de duas braças, ne*m* podera encalhar em outro lugar em q*ue* teuerão / [f. 162v] algu*m* remedio porq*ue* tudo o mais em roda da Ilha era pedra E area em q*ue* a nao logo toda se fezera em pedaços.

Açeuou [?] tambe*m* de ser a tempo que restaua a mare vazia q*ue* se fora chea varara tão perto da terra que se não podera mais leuantar, E forão forçados acolher se a Ilha, da qual não torna Portuguez, porq*ue* cre a todos quantos la vão matão os negros, ou os mete*m* pela terra dentro, E nunca mais deixão chegar a praya, E de assy andare*m* naquella Ilha algu*n*s acharão fama entre os naturaes da Ilha de q*ue* teuerão falla. Cortarão logo o mastro grande, E lançarão fora o leme, E vendo q*ue* a nao estaua em uaza, E não abria, ne*m* fazia agoa, começarão de alijar muita fazenda, emfim lançada ao mar valia de trezentos mil cruzados co*m* a mare que foy enchendo começou a nao de nadar, E pouco, E pouco se forão recolhendo pera o alto até que depois de 14. dias a poder de continuo trabalho se pozerão e*m* estado que poderão nauegar pera Moçambique, mas por já os ventos lhes não seruire*m* não no poderão tomar, forão com bem de perigos a Mombaça onde inuernarão, E donde em setembro vierão, E agora querendo concertar a nao acharão tão maltratada q*ue* não está pera fazer viage*m*.

O material das Casas, E Collegios he o seguinte.

O Collegio de Salsete se vay fabricando porq*ue* como a Congregação desta Prouinçia representaua a V*ossa* P*aternidade* q*ue* era co*n*ueniente por se em execução a licença que estaua dada pera se fazer sua fabrica em Rachol fortaleza d'El rey dentro dos muros que se vão fazendo, E ja estão em proporção pera todo salsete se poder delles adentro agazalhar, E defender auendo algu*m* cerco, E posto q*ue* polos muitos anos que depois desta licença dada te*m* passado, dos quaes a maior parte residirão os P*adr*es q*ue* nelle estão n'aldea de Margão por estar no meio de salsete, E algu*m*as outras co*m*modidades; se desejaua noua reposta de V*ossa* P*aternidade* antes de se esta fabrica começar – pareceo comtudo a todos os P*adr*es conueniente que logo se começasse pois supposta a arribada do P*adr*e Procurador, se não poderia auer tal reposta se*m* perda de muitas co*m*modidades q*ue* co*m* a dilação corrião muito risco, E tere*m* todos por se*m* duuida q*ue* V*ossa* P*aternidade* co*n*firmaria de nouo a licença, pois duram as mesmas rezões porq*ue* então se deu, E acreçerão de nouo outras. Ne*m* Margão he lugar pera edificio pois auendo qualquer guerra se não pode defender, mas necessariame*n*te se ha de deixar aos Mouros que o porão por terra como no ultimo cerco fezerão ao q*ue* ally tinhamos feito; ne*m* as cazas que estauão feitas em Rachol qua*n*do se deu a tal licença, são capazes de agazalhar os q*ue* em suas freguezias reside*m* naquelle Collegio, E nelle se ajuntão a seus tempos, ne*m* no sitio se pode ampliar mais cousa algu*m*a ale*m* de a Igreja ser dos freguezes, E auer muita probabilidade que cedo alargaremos visto o q*ue* soçedeo o anno passado, E assy se fica começado o edificio no alto de hu*m* monte co*m* muita boa uista dos campos, E do Rio, E muy exposto aos bons ventos co*m* q*ue* querendo Deos será o Collegio muy sadio. E grande remedio pera não perdermos tantos sogeitos nas doenças de S*ão* Paulo de goa, E co*m* tanto detrimento dos estudos, E não pouco do spiritu pello q*ue* he necess*ari*o andarem nossos Jrmãos estudantes por quintas dous ou tres mezes no anno porq*ue* assy elles, como os Reynoes que do R*ei*no chegão a tempo em q*ue* começão estas doenças, E nellas corre*m* mais perigo, se poderão recolher a este Collegio como[3] e*m*bora estiuer feito, E lá continuar seus estudos co*m* clausura do nouiciado, E obseruan*ç*ia Religiosa q*ue* nunca em quintas pode ser tal qual se requere, E deseja. ~.

No nouiciado se acabarão as duas partes de hu*m* fermoso corredor de dous sobrados, já do nouo edificio que se Vay fabricando, E nelle muyto co*m*modame*n*te cabem todos os q*ue* por hora nelle habitão assy nouicos, como antigos. Nesta Casa se fez, E armou na Igreja o retauolo do altar mór q*ue* assy por sua boa traça, E obra como polos muy perfeitos paineis que do Reyno se tinhão negoceado e*m* estremo satisfez a toda a terra. Não se pode logo dourar, mas dourar se ha arrecadando se hu*n*s sete, ou oito mil pardaos q*ue* hu*m* defundo deuoto nosso deixou de esmolla a esta Casa. As demais obras nella çessarão polas poucas esperanças que os tempos dão de se poder*em* auer esmollas com q*ue* se possão co*n*tinuar.

[3] Riscado: "[?]".

Em Baçaim se vay tambem ampliando aquelle Collegio com hum nouo lanço que se vay fazendo pera ficar mais capaz, E <nu>merosa em gente. A fabrica da Casa de Dio vay tambem continuando.

Exercitarão se os ministerios de nossa Companhia com o solito fructo, E edificação do proximo E notauel aproueitamento da Christandade que de pouco pera cá com os bons sogeitos que se lhe applicarão E lingoa que todos aprenderão, creceo a olhos uistos, não só em numero, mas tambem no conhecimento, E concerto das cousas de nossa santa fee, bom exemplo de vida, E frequente uzo dos sacramentos, E está oje tal salsete que ficarão juntamente espantados, E edificados alguns Dezembargadores que por sua recreação quizerão este anno andar por elle alguns dias com o Chanceler mór do Estado onde forão bem agazalhados, nem se fartão de louuar o muito que virão E experimentarão terem naquella terra trabalhado de feito nossos Padres; E na verdade mal se pode encareçer a destreza com que os meninos, E meninas argumentão em sua lingoa dos capitolos da santa doutrina. A solenidade, E concurso do que / [f. 163] se celebrão as festas, os bailos, E instrumentos musicos a nosso modo, E choros de Canto d orgão com que os mesmos naturaes as solenizão. Fez se polla conuersão de São Paulo em o seu Collegio hum soléne bautismo, E outro polla festa das onze mil virgens afora muitos que assy em salcete como nesta Casa pollo discurso do anno se bautizarão.

Acodio se tambem aos Portuguezes com as confissões, doutrinas, E pregações assy na nossa Igreja, como nas freguezias da cidade pera as quaes muito ameude são pedidos os nossos, mas por falta de obreiros não se pode satisfazer a todos: pollo discurso do anno nos leuou Deos nosso senhor pera sy sete Jrmãos que delle confiamos estarão todos gozando polo bom exemplo de sua vida que na Companhia derão, E bom aparelho com que pera a morte todos se despozerão.

O primeiro foi o Jrmão Lazaro Ribeiro coadiutor formado natural de Coimbra, de 52. annos de idade, E 31. da Companhia acabou tizico em Janeiro de 606. no Collegio de salcete onde por muitos annos tinha feito seruiço a Deos nosso senhor curando com muita charidade os pobres do hospital que a sua conta tinha, E com suas mãos, E arte de surgia, E que era vnico nesta India fazia nelles raras curas; E em muitos Portuguezes que não achando noutros remedio o hião demandar. No mesmo mez acabou o Jrmão Jeronymo Borges estudante de rethorica, natural de Lisboa, de idade de 20. annos, E 5. da Companhia no mayo seguinte o Jrmão Miguel Dias estudante da mesma classe, natural de Gois, bispado de Coimbra de 21. annos de idade, E 6. da Companhia; E aos 11. do proximo Junho o Jrmão João Clemente que da Prouincia do sul pouco auia tinha vindo pera ajudar o seu Procurador, E continuar seu estudo. A 10. de outubro o Jrmão Antonio d almeida estudante de humanidade, natural do Porto, de 19. annos de idade, E 4. da Companhia.

Todos estes 4. Jrmãos acabarão no Collegio de São Paulo queira nosso senhor conseruar a saude aos que ficão particularmente estes dous mezes que se seguem por elles serem os das mais trabalhosas doenças, mas ate agora graças a Deos está bem o Collegio E por esse respeito desaluiado dos cursantes, E seu mestre que em Chorão estão continuando seu estudo, E se for necessario irão tambem os theologos.

Tambem em o Nouiciado acabou hum nouico por nome João Soeiro recebido por estudante, natural de viana Arcebispado de Euora, E agora em 22. de outubro o Padre Bernardo de maçedo professo de 3. votos, de 66. annos de idade, E 45. da Companhia, os quais empregou em muito seruiço de Deos, E da Companhia, E só pera a Igreja desta Casa de que foi alguns 20. annos prefeito negoceou de esmolas mais de 30. mil pardaos com que a deixou muito bem prouida de ornamentos prata, E o mais necessario.

Digno porem de antes todos estes ser comtudo he o Jrmão Vicente Alues de 27. annos de idade, E quasi doze da Companhia, natural de Ferreira Arcebispado de Euora, o qual com o glorioso Martyrio nas mãos de Mouros Malauares segurou sua felix sorte consolando com tão bem auenturada morte a magoa que nos causou a perda de tão bom sogeito. Entrou este ditoso Jrmão na Companhia menino em o Collegio de Coimbra donde alcançou ser mandado a esta Jndia em que procedeo sempre com muita edificação. Acabado o seu triénio de mestre da Classe de Baçaim que com satisfação assy dos de Casa como dos de fora continuou, vinha por ordem de obediencia com hum Padre pera Goa a ouuir sua theologia.

foi perto de Chaul tomada de Mouros Malauares huma galueta em que vinhão com alguns Portuguezes, E polo interesse do resgate que por sj estes prometerão forão leuados pelos mouros perto de Dabul onde está hum feitor de Sua Magestade, E mercadores que tem trato com os Portuguezes. Todo o caminho hião dizendo os soldados Mouros que de Cacizes que tais chamarão aos nossos polos uerem em habito Ecclesiastico, E reconhecerem por Religiosos, não querião resgate, mas cortar lhes a cabeça,

E lança los ao mar, E com este odio lhe dauão algumas uezes com as mãos em as coroas, E tratauão no demais com notauel crueldade, o que não fazião aos mais catiuos.

Chegados .4. legoas de Dabul se meterão em hum Rio, E mandou o Capitão o Padre com hum dos Portuguezes negocear o resgate: assynou primeiro pera a ida o Jrmão porque ao leuar se inclinaua mais o Portuguez, mas elle pedio que deixassem ir o Padre dando aos Mouros por rezão que por ser sacerdote acabaria melhor o que pretendião, E ao Portuguez que por o Padre ser mais fraco era necessario liura lo mais depressa do malissimo tratamento que lhe dauão.

No entre meio tempo chegou huma sesta feira na qual os mouros celebrauão huma solêne festa do seu Alcorão, desejos os Moradores da terra mouros da mesma secta de mais a solenizarem com sacrificio de algum / [f. 163v] Christão se vierão com hum presente ao Capitão, E lhe rogarão que pois tinha tantos sacrificasse hum em dia tão solene, pouco foi necessario pera o persuadir; mandou logo amarrar ao Jrmão as mãos, instarão os Portuguezes com promessas de maior resgate, E quanto elles mais instauão, mas instaua, E lhes rogaua o Jrmão que não tratassem de o liurar, E menor daua o mouro polo nouo offerecimento, E mais era o aluoroço, E desejo em seus soldados de ver pór em obra o sacrifissio; pollo quaes por mais que dessem muito mais rejeitarião. Depois de assy o ter por hum espaço amarrado o tornarão a soltar por ser inda de dia, E elles quererem sacrificar em apontando a noite, a qual tanto que apontou o tornarão a amarrar, E leuarão a <proa>[4] do nauio pera nella o degolarem foy tão grande a alegria que de assy se ver leuar se enxergou no bom Jrmão que espantados os Portugueses a julgarão por cousa do Ceo, E andou elle estes ultimos passos com muita inteireza de animo, muita paz, E tranquilidade de sua alma repetindo o psalmo de miserere. Chegado a proa se poz de geolhos e pedindo aos mais catiuos que o encomendassem a Deos inclinou a cabeça dizendo Jesu auei misericordia de minha alma. E logo com hũa alfanja lha leuou de hum golpe o mouro saltando o sangue até o gamote do nauio banhando em sy o algoz, E os que propinquos assistirão. E banhando se os mouros todos em súma alegria da qual cheos leuantarão huma grande grita por seu Mafamede, E prostrados lhe offereçerão o sacrificio, polo qual com outro presente os mouros da terra lhes vierão dar as graças, E assy acabou este bendito Jrmão por ser (como os Mouros dizião) christão, E Caçis dos Christãos; e hum daquelles que Mouros, E gentios fazem Christãos, E por isso mais que todos acomodado pera com o sacrificio de seu sangue honrarem naquelle dia seu maldito Mafamede. O Padre com os mais catiuos se resgatarão, E os testemunhos dos que presentes se acharão, se mandárão nas naos em forma competente. Algumas diligencias se fizerão por se achar seu corpo que elles logo com a cabeça lançarão ao mar, mas não se pode achar.

Da missão do Preste não temos mais nouas que os que nas naos se escreuerão, agora as esperamos por esta ser a monção, mas não cuido que chegarão antes da partida. Em Março ueo hum Criado do Baxa Turco que reside em suaquem, E agora he hum Jrmão do primeiro que tendo o mesmo officio deu passagem a nossos Padres E procurou quanto pode por se mostrar grande nosso amigo cousa em que este determina mais ainda se esmerar polla experiencia que tem quanto interessa ter na alfandega de Dio o fauor dos nossos, E por isso encomendou a este seu agente que senão fosse sem huma duzia de Padres, no que elle faz toda a instancia que pode. Assi franqueou Deos nosso senhor este caminho que tão fechado tinha o imigo infernal ao remedio daquellas almas. Com as nouas que Vierem se lhe dará a reposta, E conforme aos bons principios em que as cousas ficauão o anno passado confiamos em o senhor que este será necessario passarem lá mais obreiros, E pera isso estão já dous em Dio aprendendo a lingoa que com muito feruor, E zello pedirão aquella missão, E a pedem outros muitos que sendo lá neçessarios, tambem se mandarão[5] juntamente com hum tratado que contra os erros daquellas gentes aqui se fez, E lá muito seruira pera os conuençer, E alumiar.

O Mogor . he morto . E morreo como uiueo, nem Mouro, nem gentio, nem Christão estando doente da doença que o acabou lhe fallarão os Padres do que importaua a sua saluação, E posto que elle muitas vezes tinha na vida dadas algumas esperanças de pera ella naquelle tempo se dispor aceitando a lej de Deos; porque entendeo que em nenhuma outra se podia ninguem saluar: nada porem então se concluyo, E tanto que começou a perigar nunca mais os seus permittirão aos padres por mais instancias,

[4] Riscado: “popa”.
[5] Riscado: “co”.

E diligencias que pera isso fizerão poderem lhe tornar a fallar, E foi dar conta a Deos dos annos que viueo, E Reynou como quis.

Deixou o Reyno a hum seu neto, mas o filho que sendo elle <ainda> viuo tantas uezes lho pretendeo uzurpar, se apoderou delle, E com sua muita prudençia ganhou a todos de modo que em paz, E concordia o possue. Este he aquelle Principe de que ia muitas vezes se escreueo que trazia sempre a seu pescoço numa esmeralda esculpido hum crucifixo / [f. 164] E mostraua suma deuação as imagens de Christo nosso redemptor, E da Virgem Nossa senhora. Muitos dias depois que entrou no gouerno não falou, nem tratou pouco, nem muito com os Padres mas pareçe que só o fazia pera contentar aos Mouros, E já nas derradeiras escreuem os Padres que corria com muita amizade, E nada lhe pedião que não concedesse. Seu filho mandou pera o Reyno do guzarate. Este do caminho mandou aos Padres pedris como elle dizia huma imagem do senhor Jesus que muito muito [*sic*] a auia mister. E escreue o Padre que chegando elle a gouernar este Reyno delle se atreue auer formão pera poderem estar Padres E fazerem Igreja em Cambaya, mas os que della agora uem dizem que os guzarates a quem por dereito pertençe este Reyno o qual o Mogor trazia tyranizado, se tem leuantado, E fazem aos Mogores crua guerra. Do Jrmão Bento de Goes não ouue mais nouas que as que escreueo das portas do Catayo, E nas do anno passado se escreuerão.

Da China não chegou este anno mais que huma soma em que não vinha nenhuma carta dos nossos, teuerão pareçe por mais seguro hum Junco que se ficaua aparelhado, mas como no Estreito andauão naos olandezas a que com difficuldade esta soma escapou, prouauel he que se partio o tomarão E assy não teuemos mais nouas que as que em geral nos derão as pessoas que nesta embarcação vinhão, E forão que assy as cousas de Japão, como as de dentro da China estauão em paz, E no mesmo estado.

Em Machao auia huma grande inquietação entre os Religiosos de São francisco, E de Santo Agostinho, na qual entrarão os nossos por o Padre Reitor do nosso Collegio ser Conseruador dos de São francisco numa contenda que tinhão com o gouernador do Bispado que era de Santo Agostinho. Como não vierão cartas mais que de huma das bandas não se pode cá saber a uerdade. Com a ida do Bispo que pera lá he partido, E ordem que lá manda o Viso rey que muito sentio isto, porque toda a Cidade estaua tão reuolta, E os mandarins mandarins [*sic*] mandarão dizer aos Portuguezes, que ou se aquietassem, ou se fossem buscar terra em que viuessem. Querendo Deos tudo se aquietará.

Jsto he o que em geral se offereçe do estado da Prouincia. resta pedir a santa benção a Vossa Paternidade na qual muito me encomendo .6. de Nouembro de 606.

[sinal de cruz]
a) Gaspar Fernandez

CENTRO DE
ESTUDOS
HISTÓRICOS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA